



ANÁLISE DE CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES EM ESCOLAS PÚBLICAS

Felix Portela da Silva¹, Luiz Carlos Barreto Junior², Laisa da Silva Portela³

¹ Graduado em Pedagogia (EAD), Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), Brasil; Pós-graduado em Psicopedagogia (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil; Pós-graduado em Psicologia da Educação (EAD), Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), Brasil. E-mail: felix.portela@hotmail.com

² Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, SE, Brasil; Pós-graduado em Metodologias Ativas e Prática Docente (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil; Pós-graduado em Inteligência Socioemocional (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil. E-mail: luizcarlosbarretojr@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia, Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Aracaju-SE, Brasil. E-mail: laysaportela11@gmail.com

RESUMO

Os casos de violência nas escolas têm ocorrido de forma crescente e os professores geralmente são as principais vítimas que sofrem com os efeitos dos mais diversos tipos de agressão. A conduta agressiva e ocorrência de fatos violentos gera uma alteração na qualidade das atividades diárias executadas e debilita a ação do profissional. O presente trabalho teve como objetivo analisar casos de violência contra professores ocorridos no Brasil e divulgados na mídia. As notícias foram coletadas a partir de reportagens de sites e revistas no período de agosto a outubro de 2019 e as analisadas com relação às características descritivas da agressão. Foram analisadas 25 notícias e 72% delas classificadas como agressão física. A maioria dos casos teve como vítima da agressão o professor (84%) e como agressores alunos de 16 a 17 anos ($n = 9$) e do sexo masculino (84%). A maior frequência de casos ocorreu na região sudeste (64%) e a principal medida tomada foi encaminhamento para polícia e boletim de ocorrência ($n = 13$). Ressalta-se que em 20% dos casos nenhuma medida foi tomada, reforçando ser esse um tema complexo que necessita de atenção e cuidado, uma vez que pode fragilizar o ambiente escolar afetando o processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Adoecimento docente; Ambiente escolar; Conflito escolar; Cultura de paz; Saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PAPEL DA ESCOLA

A escola está presente na vida das pessoas aprimorando o aprendizado que os acompanha desde o momento do nascimento até a vida adulta (ROCHA, 2017). É um ambiente fundamental na formação de crianças e adolescentes, considerada um espaço integrador, de aprendizado, aquisição e troca de conhecimento e experiências (ABRAMOVAY, 2005).

É representada como um espaço de convivência, onde cada indivíduo que a frequenta, seja criança ou adolescente, tem a oportunidade de aprender de maneira confortável, saudável, desenvolvendo o processo de produção cultural-histórico, social, político, econômico e científico, bem como, estabelecer suas primeiras relações de afetividade (GRILO; KUHLMANN, 2008; TCHIPEPE, 2010).

A interação do aluno no ambiente escolar é fundamental para sua formação e capacidade de aprender e desenvolver aspectos cognitivos, sociais e culturais (SILVA; ALBUQUERQUE, 2015). Essas interações se manifestam em diferentes aspectos: na relação professor-aluno, aluno-aluno, e também, na relação que o aluno estabelece com o conteúdo a ser aprendido (SOBRAL, 2007).

É utopia que todos os problemas sociais devem ser resolvidos por meio da educação, mas é certo que ela representa uma condição indispensável para resolvê-los. A educação, em princípio, tem por função socializar e integrar gerações imaturas na



sociedade, desenvolvendo a sociedade em geral e os indivíduos em particular (OLEIVEIRA, 1993).

A escola, na perspectiva de Abramovay (2005), não se limita à transmissão de conteúdos, sendo também espaço de negociação de valores e estabelecimento de vínculos sociais e emocionais essenciais para o desenvolvimento humano. Essa dimensão relacional é reforçada por Silva e Albuquerque (2015), que observam que a escola contribui não apenas para o crescimento intelectual, mas para a constituição da cidadania por meio da convivência e do respeito à diversidade.

1.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Durante o desenvolvimento, sabe-se que lidar com regras e autoridade é difícil e conflituoso, e no ambiente escolar não é diferente (STEIGENBERG, 2007).

Na escola, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, com atitudes de harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição (BARROS, 2019).

Segundo Damasceno e Karbage (2015), o aumento das manifestações violentas está frequentemente associado à ausência de políticas efetivas de mediação de conflitos e ao enfraquecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade. Tais fatores dificultam a identificação precoce de situações de risco e a implementação de ações preventivas, ampliando o impacto negativo das agressões no ambiente escolar.

Entretanto, diante de todos os avanços tecnológicos e transformações socioculturais que a sociedade vem passando, as escolas acabam sofrendo com o aumento da violência (SANTOS, 2013). Segundo Matos, Menezes e Alves (2006, p. 117):

A escola sofre com a violência dentro de seus muros, e as notícias sobre esse tema já aparecem nas mídias e muitas apenas com o intuito de se fazer manchetes, contribuindo para uma divulgação errônea e provocando o estímulo de outros atos violentos [...].

A violência na escola não é um fenômeno recente e tem ganhado a atenção de pesquisadores e especialistas do mundo inteiro, devido à mudanças enfrentadas pela instituição escolar, e pelos novos significados assumidos pela violência no mundo contemporâneo, que permeiam a exclusão social e a falta de reconhecimento do outro enquanto sujeito social (MACEDO; BOMFIM, 2009).

A conduta violenta dentro da escola manifestada por meio de bullying, ameaças, agressões verbais, físicas e psicológicas, pode surgir relacionada a vários motivos, mas os contrastes nas relações sociais e nas mídias atuais são um dos principais fatores de ignição (DAMASCENO; KARBAGE, 2015). Para Abramovay et al., (2005, p.30):

O cenário que se cria é de escolas onde nem sempre as relações sociais são amistosas e harmônicas e onde os alunos e professores não se unem em torno de objetivos comuns. Ao contrário, a convivência na escola pode ser marcada por agressividade e violências, muitas vezes naturalizadas e banalizadas, comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem [...].

Algumas vezes, a ocorrência de pequenos conflitos evolui para situações mais graves, o que leva os envolvidos ao processo de desmotivação (ZENTI, 2000). A desmotivação vem desde a desvalorização salarial, até a falta de estrutura das escolas e desinteresse dos alunos, resultando na evasão escolar, afastamento e aposentadoria dos profissionais, bem como, a falta dos mesmos nas escolas (SILVA, 2012).

1.3 VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES

A violência dentro das escolas torna os professores alvos de situações complexas



afetando direta ou indiretamente, sua motivação profissional o que influencia na qualidade de ensino (GURGEL; MATOS, 2012). De acordo com Soudré, Moura e Alexandre (2012, p. 316):

O professor que deveria ter como preocupação preparar as aulas, escolher os conteúdos a ser trabalhado, conhecer o seu aluno e preocupar-se com sua aprendizagem, fica sem saber como agir, como resolver os problemas e as situações de conflito que se apresentam no dia a dia escolar.

Logo, em situação de violência, um professor fica impossibilitado de proporcionar aos alunos um ensino de qualidade, com práticas, ações construtivas e troca de experiências, que agregam valores à comunidade (SOUDRÉ; MOURA; ALEXANDRE, 2012).

A violência pode inclusive tornar insustentável o convívio entre professor-aluno, e entre aluno e escola, levando todos os envolvidos à exaustão na tentativa de se manterem no ato de suas habilidades e competências (ROSA, 2010).

Gurgel e Matos (2012) destacam que o adoecimento psicológico dos docentes, incluindo quadros de ansiedade, depressão e afastamento do trabalho, está diretamente relacionado ao ciclo de violência vivenciado no espaço escolar, sobretudo quando há ausência de suporte institucional e estratégias de acolhimento ao professor.

Buscando melhor compreender a relação professor-aluno e casos de agressão na comunidade escolar, o presente trabalho teve como objetivo analisar casos de violência contra professores ocorridos no Brasil e divulgados na mídia.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

O fenômeno da violência escolar é amplamente estudado, pois envolve aspectos sociais, institucionais e psicológicos. Abramovay (2005) destaca que a escola reflete as tensões sociais, muitas vezes reproduzindo desigualdades, preconceitos e práticas violentas. Para Gurgel e Matos (2012), a violência contra professores resulta em graves consequências para a saúde mental dos docentes, incluindo estresse, ansiedade e afastamento do trabalho.

Rosa (2010) ressalta que a banalização da agressão prejudica a convivência e o rendimento escolar, podendo fragilizar as relações na comunidade escolar. Pesquisas internacionais, como as de Smith et al. (2016), sugerem que programas de mediação de conflitos, aliados ao suporte socioemocional, reduzem significativamente os índices de violência nas instituições de ensino.

Damasceno e Karbage (2015) abordam a necessidade de políticas públicas específicas para valorização e proteção do docente, enquanto Macedo e Bomfim (2009) chamam atenção para a influência das condições de trabalho e do envolvimento familiar no crescimento dos casos de agressão. Diante disso, a prevenção e o enfrentamento da violência escolar exigem estratégias multidimensionais, envolvendo escola, família, poder público e sociedade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, utilizando dados secundários coletados em reportagens de sites e revistas no período de agosto a outubro de 2019.

As notícias foram baixadas e arquivadas com seus devidos links, e após coleta, cada notícia foi analisada com relação aos seguintes aspectos: receptor da agressão; tipo de agressão (verbal, física ou ambos), sexo, idade e escolaridade do(s) agressor(es), local da agressão (município e estado) e medidas tomadas após agressão. Os dados foram



sistemizados com o auxílio do programa Microsoft Excel para posterior análise descritiva dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No período de três meses foram coletadas e analisadas 25 notícias que retrataram episódios agressivos contra professores e todas ocorreram em escolas públicas (ANEXO 1). Os professores foram vítimas na maioria (84%) dos casos, havendo também ocorrências envolvendo diretores (8%) e coordenadores (8%) (Gráfico 1).

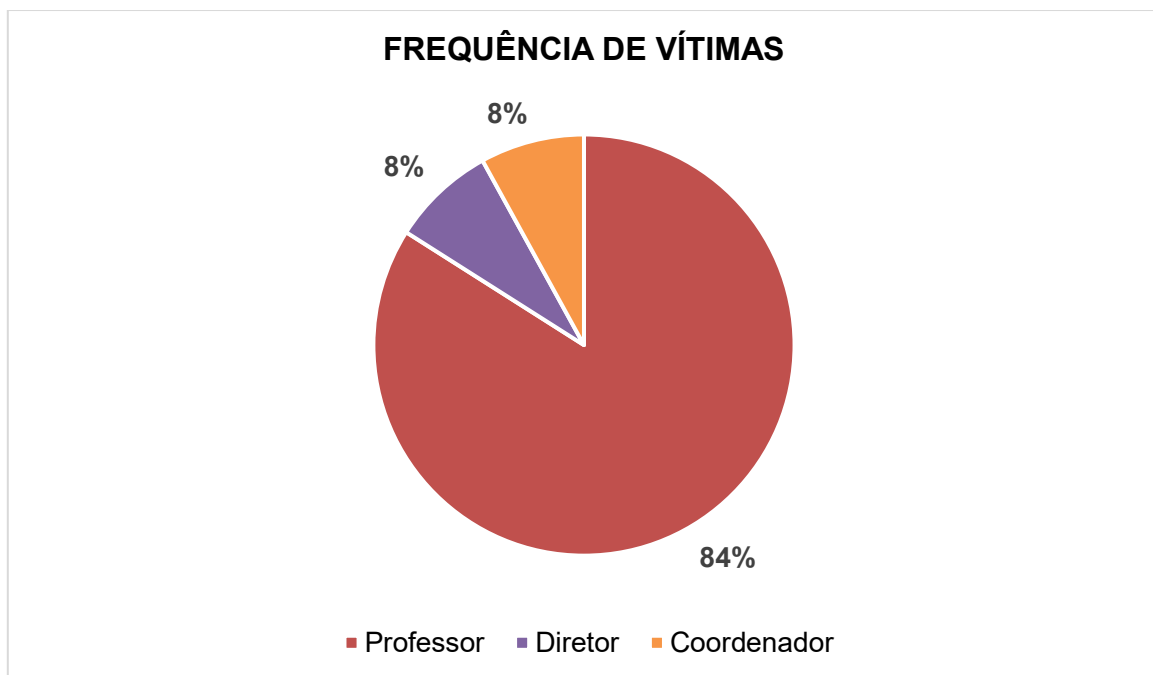


Gráfico 1: Frequência de vítimas para as notícias de agressão encontradas.

Fonte: Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Nas notícias analisadas, os eventos de agressão foram classificados em agressão física (72%) e física e verbal (28%). Como agressão física destacaram-se: socos, golpes a caneta, tiros, golpes de faca, puxão de cabelo, empurrão, chutes, paulada, entre outros atos. A agressão verbal aparece nas notícias representada por xingamentos, geralmente seguidos pela agressão física.

Os vários tipos de agressão impactam diariamente a sociedade, e as mais comuns são as verbais e físicas, aonde geralmente a física vem após ou simultaneamente com a verbal (CASIQUE; FUREGATO, 2006). A agressão física geralmente ocorre quando uma pessoa, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma podendo provocar lesões externas, internas ou ambas (BRASIL, 2002).

No contexto escolar não é diferente já que o ambiente escolar é reflexo do aspecto social (ROSA, 2010). O Brasil, por exemplo, é o líder no ranking mundial em uma pesquisa sobre a violência contra professores realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2014, os dados levantados com mais de 100 mil professores e diretores de 34 países mostraram que 12,5% dos professores brasileiros já foram vítimas de algum tipo de agressão (INEP, 2014).

Os agressores foram para 16% dos casos do sexo feminino e 84% dos agressores



eram homens. Nem todas as notícias tinham informação sobre a idade do agressor, e cinco casos de agressão foram protagonizados por alunos de dezessete anos, seguidos por agressores de dezesseis anos, responsáveis por quatro casos (Gráfico 2). Foi documentado em uma notícia, a presença também de familiares de alunos cometendo atos de agressão, no entanto, para estes as idades não foram descritas nos casos.

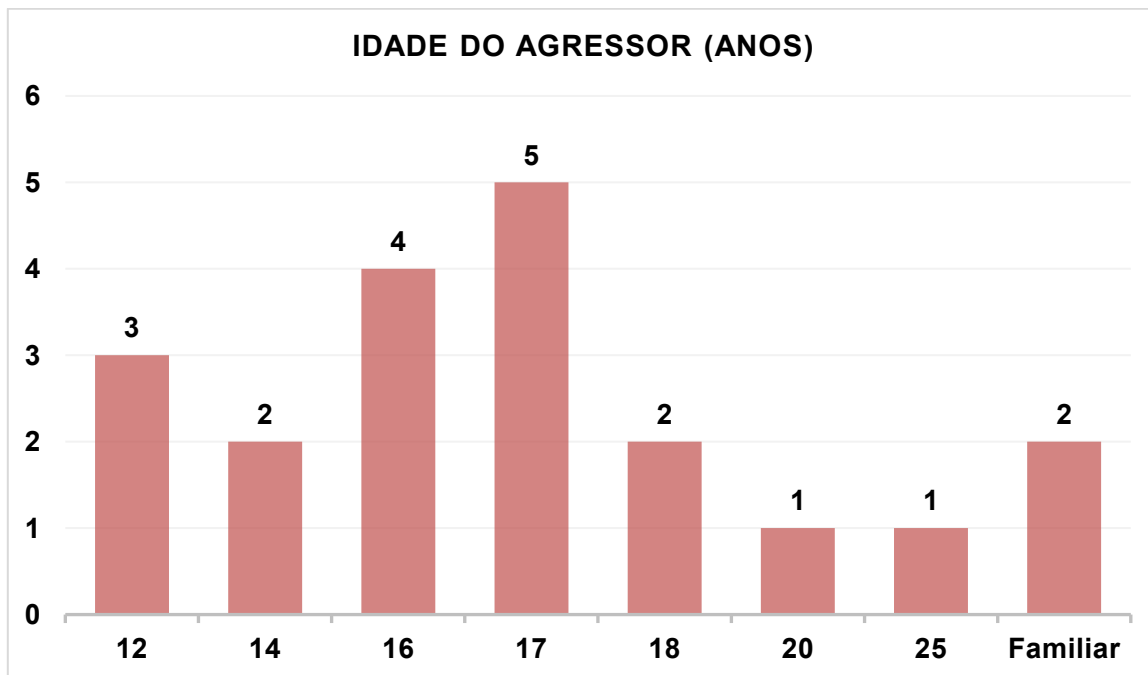


Gráfico 2: Idade do agressor (anos) em comparação com o número de casos de agressão analisados. Escolaridade (ano/ensino) do agressor nos casos analisados.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Esses achados corroboram estudos nacionais, como o de Abramovay (2005), que identifica nas grandes regiões metropolitanas maior prevalência de agressão ao professor, relacionada à tensão social e ao déficit de políticas de proteção e valorização profissional. No mesmo sentido, Macedo e Bomfim (2009) sugerem que o contexto de sobrecarga de trabalho, infraestrutura precária e pouco envolvimento das famílias contribuem para aumentar a vulnerabilidade do corpo docente frente aos conflitos.

Dentre as vinte e cinco notícias coletadas, três envolveram alunos do ensino fundamental em específico do 7º ano e outras três envolveram alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Gráfico 3). A distribuição também ficou igual para o 5º ano EF, 9º ano EF e 2º ano EM mostrando neste caso, não haver aumento de casos de agressão com o aumento da idade.

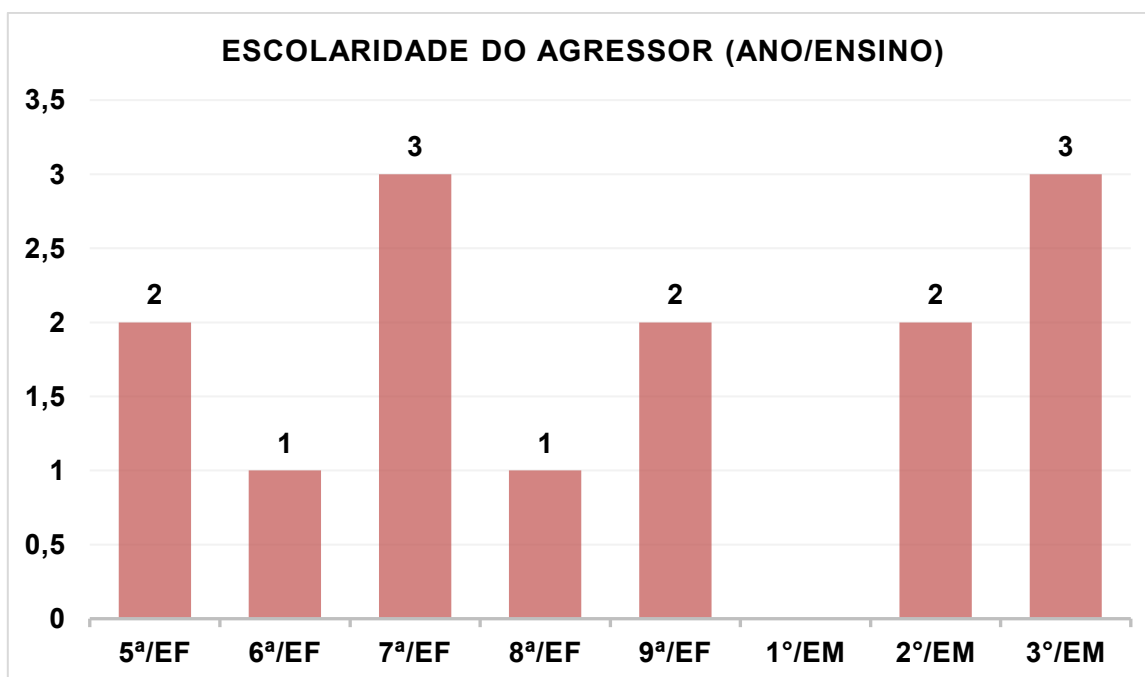


Gráfico 3: Escolaridade (ano/ensino) do agressor nos casos analisados. EF = Ensino Fundamental; EM = Ensino Médio.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Segundo Giffin (1994), meninas “desenvolvem sua identidade de gênero no contexto da identificação com a mãe, numa relação continuada com ela” enquanto os meninos “se separam da mãe e das qualidades femininas para estabelecer sua identidade masculina”. Ainda segundo o autor, essa distinção na criação de meninos e meninas, possivelmente tem relação com a forma de enfrentar os episódios de violência (GIFFIN, 1994).

Indivíduos do sexo masculino geralmente reproduzem “táticas de agressão, podendo aprender a manipular, persuadir, coagir e mostrar comportamentos antissociais, podendo ainda exibir tais comportamentos em interações sociais com seus pares, fora do lar” (MALDONADO; WILLIAMS, 2005).

Com relação a idade, a maioria dos casos envolve adolescentes e sabe-se que a adolescência é um processo de amadurecimento onde devido a imaturidade, indivíduos podem manifestar desvio de conduta diante de regras ou exigências disciplinares (BORDIN; OFFORD, 2002).

O comportamento agressivo no cotidiano escolar de alunos com as idades observadas pode ser um reflexo do contexto familiar ou indício de que existem conflitos internos, o que reforça a necessidade de pesquisas sobre a relação do aluno também no ambiente familiar. A violência na escola pode ter relação com a falta de autoridade e consequente falha nas regras, ausência ou esbatimento dos modelos de comportamento dos pais ou também pelo abandono, abuso e frustrações pelas quais passam os agressores (MORGADINHO, 2007).

Os casos de agressão foram registrados para todas as regiões do país, exceto para a região Norte e tiveram maior frequência na região Sudeste (64%) (Gráfico 4.).

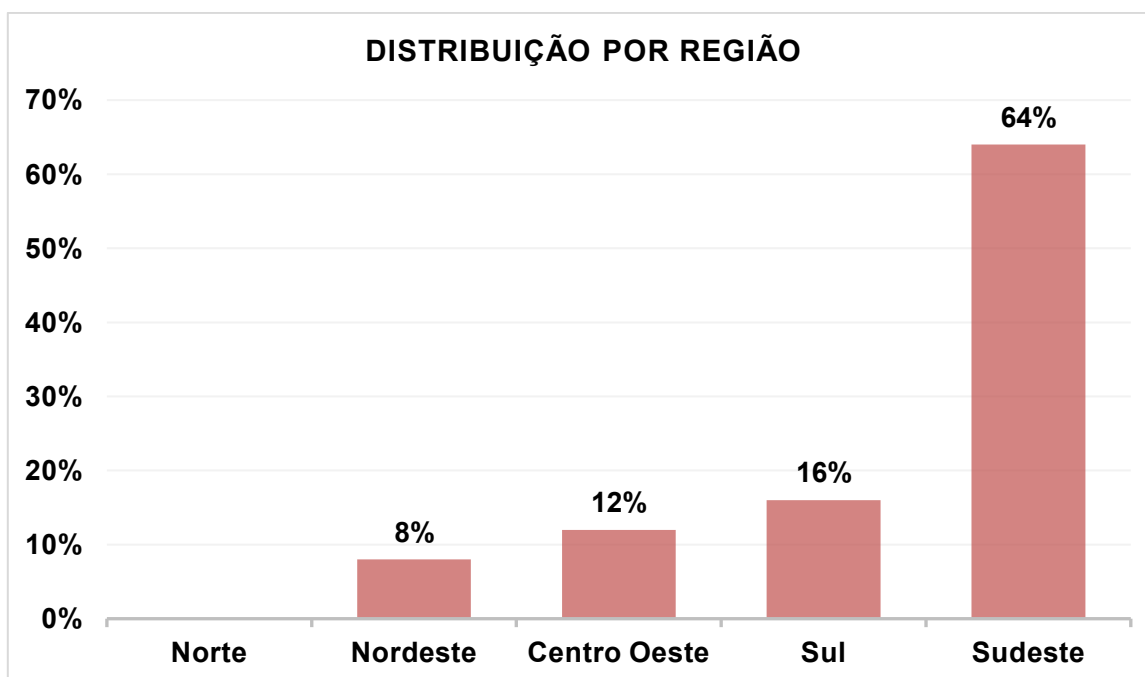


Gráfico 4: Distribuição por região dos episódios de agressão analisados.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Em pesquisa realizada no Brasil, a região Sudeste liderou o ranking de casos de violência e agressões contra professores e os autores remetem esse resultado ao alto índice populacional, grandes áreas periféricas e violentas, tráfico, alto contraste socioeconômico, dentre outros fatores que refletem em desigualdade social na região (APEOESP, 2013).

É importante ressaltar que apesar de algumas regiões terem apresentado baixa frequência de agressões, ou até mesmo nenhuma, é provável que o número de casos levantados não esteja representando com precisão todos os casos ocorridos a tempo real, e sim aqueles que tiveram maior repercussão e refletiram na mídia, o que não significa dizer que não houve ou não existem episódios de agressão nestas regiões.

Quando se trata das medidas tomadas após a agressão, a maior frequência foi para boletim de ocorrência e/ou encaminhamento para polícia (n=13), tendo ainda como consequências prisão e julgamento (Gráfico 5). Em dois casos o conselho tutelar foi acionado, mas em 20% dos casos (n=5), nada foi feito. Notou-se que em somente um caso houve internação do agressor ou inserção de medidas para maior segurança da comunidade escolar.

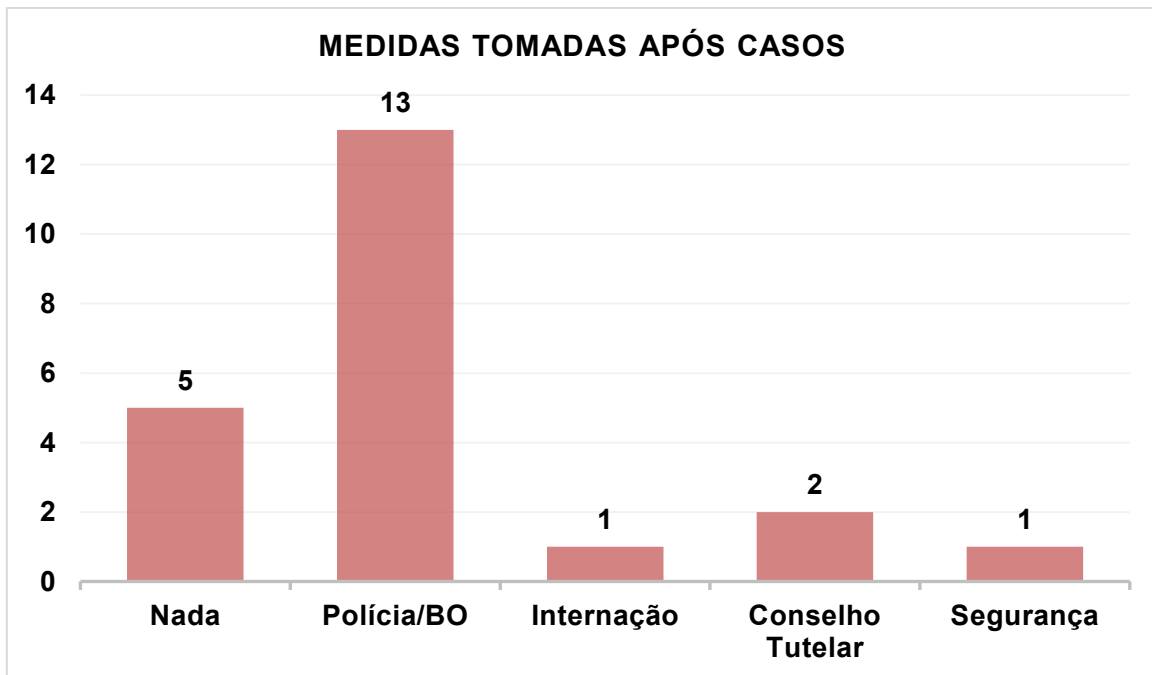


Gráfico 5: Medidas tomadas após casos de agressão analisados. BO = Boletim de ocorrência.
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

A segurança nas escolas precisa ser vista como fundamental para o progresso educacional e indispensável para que professores e alunos possam realizar suas atividades diárias. Várias medidas de segurança podem ser aplicadas, mas é necessário um planejamento adequado e funcional para lidar com a pluralidade que a escola possui (MANTOAN, 2001).

Outras condutas como o diálogo sem imposição de culpa e o envolvimento dos pais ou responsáveis, são benéficos para entender o que pode estar incentivando ou ocasionando a conduta agressiva (CARVALHO, 2010; NETO, 2005).

Segundo Morgadinho (2007), a família é sempre parte da solução do problema da violência escolar, pois exerce um papel de extrema importância na construção do indivíduo que expressa esse convívio familiar e seus reflexos dentro do ambiente escolar (LUZ; SCHOTTEN, 2016).

Deste modo, a pesquisa reforça a complexidade da temática agressão contra professores e a necessidade de atenção e cuidado aos seus diversos aspectos que podem fragilizar o ambiente escolar afetando todo o processo de ensino e aprendizagem do aluno e profissional do professor.

5 CONCLUSÃO

A análise das informações chama atenção para esse cenário de agressão no ambiente escolar uma vez que na realidade o número de casos pode ser ainda maior do que o encontrado nesta pesquisa, mostrando que a obsolescência de fatos ocorridos impede a eficácia de medidas, ou até mesmo a agilidade na resolução desses conflitos. Os dados mostram casos debilitadores e insalubres de um ambiente que deveria se manifestar de forma mais saudável, visando o bem-estar de alunos, professores, e funcionários que deveriam poder cumprir seus papéis promovendo um serviço de qualidade e um ambiente mais interessante, e menos ostensivo. É primordial também que a escola esteja mais próxima das famílias promovendo um bom relacionamento entre essas instituições tão



importantes para o desenvolvimento e aprendizado do aluno.

É necessário que sejam fortalecidas políticas permanentes de formação docente voltadas para a gestão de conflitos e para o autocuidado dos profissionais. Como sugerem Rosa (2010) e Abramovay et al. (2005), a articulação entre ações preventivas, apoio psicológico e diálogo entre escola, família e comunidade é fundamental para transformar o ambiente escolar em espaço de respeito mútuo, aprendizagem e segurança para todos os envolvidos.

Além disso, recomenda-se o desenvolvimento de programas de formação continuada voltados para a gestão de conflitos e saúde mental dos professores, assim como a criação de canais de denúncia e apoio psicológico aos educadores vítimas de agressão escolar. O envolvimento das famílias e da comunidade é fundamental para promover uma cultura de paz e respeito na escola (ABRAMOVAY et al., 2005; DAMASCENO; KARBAGE, 2015). A construção de ambientes escolares seguros passa, necessariamente, pelo compromisso coletivo entre gestores, professores, alunos e sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et. al. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: **UNESCO, Observatório de violência nas escolas**, MEC, 2006.

APEOESP. Violência nas escolas: o olhar dos professores. CEPES: **Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais, Sindicais e Gerenciamento do Banco de dados da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo)**, 2013. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/publicacoes/observatorio-daviolencia/caderno-violencia-nas-escolas-analise-da-pesquisa/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BARROS, J.; **"Escola X Violência" Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia.htm>>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde. **Editora: MS**. 2002. Pág. 17.

CARVALHO, M. C.; A agressividades como resposta de um indivíduo criado em uma família desestruturada. **Universidade Cândido Mendes**. Rio de Janeiro-RJ. Fev. 2010.

DAMASCENO, J. E.; KARBAGE, M. A. M.; **Os motivos que levam e geram violências no meio sócio escolar**. Fortaleza – CE, 2015. p.11.

GIFFIN, K.; Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro-RJ. nº 10: 146-155, 1994.

GRILO, V. T. de M.; KUHLMANN, S. R. D.; O direito de permanência na escola. Paraná: **Ministério Público**. Disponível em: <http://www.mp.pr.gov.br/cpca/telas/ca_doutrina_educacao_2.html>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

GURGEL, C. R.; MATOS, F. A. S.; A violência contra professores: saberes e práticas. Campina Grande: **Realize Editora**, 2012. Disponível em:



<<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

INEP. Talis – Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem. **Relatório Nacional**. Brasília: INEP, 2014, 33p. Disponível em: <<http://talis.inep.gov.br>>. Acesso em: 19 de Nov. 2019.

KRONBAUER, J. F. D.; MENEGHEL, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n.5, p. 695-701, 2005.

LUZ, R. R.; SCHOTTEN, N. **Atribuições da educação familiar e escolar no desenvolvimento integral do educando**. Paraná – PR, v.1, 2016.

MACEDO, R. M. A.; BOMFIM, M. C. A.; Violências na escola. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 605-618, set./dez. 2009.

MALDONADO, D. P. A; WILLIAMS, L. C. A. **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica**. Maringá-PR, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez. 2005.

MANTOAN, M. T. E. Por uma escola para todos. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED/Unicamp. **Universidade Estadual de Campinas-SP**. 2001.

MORGADINHO. O. G. **A família e a violência na escola**. 2007. Disponível em: <<http://ojornaldafamilia.blogspot.com/2007/06/familia-e-violencia-na-escola.html> > Acesso em: 26 de out. 2019.

MATOS, K. S. A. L.; MENEZES, H. P. A.; NASCIMENTO, R.; Juventude, escola e imagens na mídia. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). **Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: **Editora UFC**, 2006.

NETO, L. A. A.; Bullying comportamento agressivo entre estudantes. **Sociedade Brasileira de Pediatria. Jornal de Pediatria** - Vol. 81, Nº5. São Paulo-SP. 2005.

ROCHA, C. R.; O papel da escola na construção de uma formação cidadã: vertentes reflexivas a partir da intervenção dos meios de comunicação em massa no cotidiano dos alunos. **EDUCERE: XIII Congresso Nacional de Educação** – Curitiba – PR, 2017.

ROSA, A. J. A.; Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Itabaiana - SE: **GEPIADDE**, Ano 4, Volume 8. Jul./ dez. De 2010.

SANTOS, J. B.; Avanços e desafios da educação brasileira na atualidade: uma reflexão a partir das contribuições de hannoun e a educação infantil como uma aposta enactante. **Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**. 2013.

SILVA, D. N.; A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos - SP. **Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Campus Curitiba – PR. 2012.



SOBRAL, M. de L. et al. A Influência da Afetividade no Ambiente Pedagógico. **Interfaces de Saberes**. v. 7, n. 2, 2007.

SODRÉ, C. M. O.; MOURA, M. L. I. J.; Violência no Espaço Escolar. **Revista: Eventos Pedagógicos**. V. 2, N. 2, P. 315-327, maio – jul. 2012.

SILVA, C. S.; ALBUQUERQUE, I. N.; A afetividade na aprendizagem: o olhar de alunos do 6º ano do ensino fundamental. Form@re: **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 3-18, jul. / dez. 2015.

STEIGENBERG, J. F. S.; **Interação Família-Escola: saberes necessários para a construção de relações transformadoras**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_josmary_firmino_souza_steigenberg.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

TCHIPEPE, A. A.; **O papel da escola no sistema educativo**. 2010. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/papel-da-escola-no-sistema-educativo/papel-da-escola-no-sistema-educativo.shtml>> Acesso em 19 Out. 2019.

ZENTI, L.; Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós. **Nova Escola**, São Paulo: abril, v.134, ago. 2000.